

Nunca Traí os Pobres - Documentário¹

Celane Rosa SANTOS²

Edísia Leciane dos Santos RAMOS³

Fabíola Moura Reis SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho retrata os caminhos percorridos para a produção do videodocumentário, *NUNCA TRAI OS POBRES*, elaborado a fim de atender as exigências do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia. Apresenta a trajetória do bispo Emérito de Juazeiro-BA, Dom José Rodrigues, na respectiva diocese. O produto registra a história do homem que viveu pra servir e organizar os pobres e marginalizados, com base na política e na mensagem salvífica de Cristo. O videodocumentário é composto de depoimentos colhidos na sede de Juazeiro, no distrito de Carnaíba de Sertão, na comunidade do Vale do Salitre e no município de Sobradinho, narrando como o religioso viveu, qual o contexto histórico da época e como conseguiu transformar a realidade local.

PALAVRAS-CHAVE: Videodocumentário; Dom José Rodrigues; bispo; diocese; Juazeiro.

1 INTRODUÇÃO

O videodocumentário *NUNCA TRAI OS POBRES* apresenta memórias sobre a trajetória de Dom José Rodrigues à frente da diocese de Juazeiro, no período de 1975 a 2003, período que compreende seu trabalho episcopal, destacando principalmente, sua atuação desde a assunção do cargo até a mudança de regime político com o fim da Ditadura Militar.

Com o tempo em que a pesquisa foi sendo desenvolvida, percebeu-se a dimensão do tema escolhido, pois não se trata apenas de um sacerdote, que cumpriu seu cargo episcopal, servindo a igreja somente no púlpito, mas que, consciente de sua cidadania e de seu

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade: Filme de não ficção/ Documentário/ docugrama (Avulso)

² Aluno líder. Graduada em Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios, email: rosa-jornalista@hotmail.com

³ Coautora do trabalho e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios, pela Universidade do Estado da Bahia, email: edisia.santos@redebahia.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios, email: fabiolamsantos@hotmail.com.

potencial enquanto sujeito histórico, transformou positivamente a realidade do espaço onde atuava.

Falar de Dom José Rodrigues é falar também da história recente do Vale do São Francisco em seus aspectos político, socioeconômico e cultural. Ele recebeu uma diocese, que estava inserida num contexto de seca, miséria, fome e coronelismo consentido pela Ditadura Militar. Desafiou a censura à liberdade de expressão instituída pelos militares, em prol do bem comum, utilizando-se da palavra na luta contra todo e qualquer tipo de injustiça.

Para entender a atuação de Dom José Rodrigues na sua diocese, que compreendia, na época de sua chegada, oito municípios, sendo eles Juazeiro, Remanso, Casa Nova, Santo Sé, Pilão Arcado, Campo Alegre de Lourdes e Sobradinho, foi preciso fazer uma pesquisa bibliográfica sobre a realidade histórica dessa região durante os vinte e oito anos em que Dom José Rodrigues desenvolveu seu trabalho episcopal.

Com o intuito de contemplar mais precisamente a trajetória do bispo, as discentes tinham a intenção de elaborar um produto audiovisual porque ambas desenvolvem atividades nessa área. Celane Rosa, por estar vinculada ao projeto de extensão em telejornalismo Web TV UNEB Juazeiro há um ano e meio, e Edísia Santos por trabalhar com o telejornalismo há nove anos em emissoras locais afiliadas da Rede Globo, primeiro como editora de imagens, e há dois anos como repórter. Para as duas é muito prazeroso desenvolver projetos em audiovisual, por se tratar de uma linguagem que utiliza vários recursos como imagens em movimento, sons, cores, efeitos e que possibilita usar a criatividade de uma forma até mesmo lúdica.

2 OBJETIVO

O objetivo deste vídeo é fazer um resgate histórico da atuação de Dom José Rodrigues durante os anos em que ele morou e o modo como viveu no Vale do São Francisco, e registrar para as gerações contemporâneas e futuras a relação desse líder religioso e sua importância no desenvolvimento das estruturas políticas, sociais e econômicas de Juazeiro e região, no período de 1975 a 2003, que compreende o trabalho episcopal de Dom José Rodrigues.

3 JUSTIFICATIVA

O documentário foi escolhido como objeto de estudo por ter um caráter autoral, que permite uma maior liberdade na condução do ponto de vista das autoras no tratamento do tema. Além disso, materializa, de forma mais dinâmica, a trajetória enérgica desse cidadão que, em cada minuto de seu dia, lutava pela libertação de seu povo. A própria vida desse homem parecia um filme, uma história cheia de solidariedade, fé, ação, dramas, angústias, violência, superação, combates, vontade de mudança, tudo narrado minuciosamente por ele próprio no boletim diocesano “Caminhar Juntos” e nos programas radiofônicos “Semeando a Verdade” (Emissora Rural) e “Participação e Comunhão” (Rádio Juazeiro), programas retransmitidos pela Rádio Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato-PI.

Este artigo elucida também as conceituações teóricas e históricas a respeito do gênero videodocumentário e se propõe a responder questões que motivaram as discentes a falarem sobre o tema e a “voltar” no tempo para contar essa história: Como um homem instigou o povo a querer mudar a mentalidade? Como ele desafiou o poder dos militares, enfrentou o coronelismo, ajudou as populações ribeirinhas a cada vez mais se reconhecerem como cidadãs conscientes de seus direitos e a entenderem o poder que cada um tem de transformar a realidade enquanto sujeito histórico?

Quem foi esse homem, que teve o nome envolvido em tantas situações marcantes, que foi destaque na imprensa nacional e internacional, que foi premiado diversas vezes por sua conduta e pela relevância de seu trabalho, que foi odiado por uns e amado por tantos outros?

A frase que intitula o documentário *NUNCA TRAI OS POBRES* foi proferida por Dom José Rodrigues em um discurso durante sua última missa celebrada em Juazeiro. Essa frase caracteriza com precisão a pessoa de Dom José Rodrigues e explica a razão de sua postura na Diocese. O título tem interligação com o lema episcopal “Enviou-me para evangelizar os pobres”, trecho do Evangelho de Lucas, capítulo 4, versículo 18. Essa passagem bíblica era muito citada por ele para deixar claro que a sua opção sempre foi pelos pouco favorecidos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Diante da dificuldade de encontrar registros históricos, que relatem sobre o cenário político, socioeconômico e cultural de Juazeiro e das cidades adjacentes, que compõem a diocese, principalmente nos primeiros anos do episcopado de Dom José Rodrigues, percebeu-se, a partir dos primeiros contatos com as fontes, que um dos aportes que daria

subsídio à pesquisa seria a história oral, utilizada pelas discentes como ferramenta, técnica e metodologia.

De acordo com Meihy e Holanda (2010, p. 10), a história oral é um conjunto de procedimentos, também composto por um agrupamento de fontes orais “e sua manifestação mais conhecida é a entrevista”. Já a fonte oral é conceituada pelos autores como algo mais amplo e que inclui em sua estrutura a expressão verbal humana em sua totalidade.

Nesse sentido, os autores trabalham a história oral como um procedimento direcionado a um fim e para chegar à sua finalidade, se amparam em técnicas de registro, que, por sua vez, transformará a oralidade histórica num documento. A gravação, por exemplo, é um mecanismo técnico, que auxilia na documentação oral. Nestes momentos fez-se necessário a utilização do método etnográfico, que consiste no trabalho de campo e na observação participativa. A pesquisa bibliográfica dos boletins “Caminhar Juntos”, periódico produzido por Dom José Rodrigues, também colaborou para ampliar o conhecimento das diretoras a respeito do arcabouço histórico das décadas mais longínquas.

Já o aparato técnico que permite o suporte audiovisual, retrata de maneira pensada e objetiva a realidade. As malhas do documentário tecerão uma linha firme entre a realidade visual da trajetória do bispo e as questões sociais relacionadas. Pessoas, locais e imagens foram entrelaçados para representar este contexto. Para Nichols (2005, p. 93), são os relatos e as histórias observadas do cotidiano que criam e movem o enredo, direcionando o telespectador ao assunto, que é abordado. “Para cada documentário há três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público”.

O vídeo aqui proposto não é uma cópia da natureza social tal como se vê, e sim um recorte da realidade onde a simplicidade é apenas aparente e transforma por meio da estética o passado, a memória pessoal e os locais habitados em uma memória artificial e coletiva. Pensar, então, imagens, pessoas e locais em uma forma bidimensional e audiovisual de memória artificial, gera uma perspectiva de realidade histórica. Ao abordar a realidade, esbarramos em duas questões distintas: o realismo das matérias de expressão “imagens e sons” e o realismo do tema (AUMONT et al, 1995, p. 134).

O realismo dos materiais de expressão dentro do suporte audiovisual permite o registro do movimento e da duração das ações e de locais. A representação audiovisual sofre interferência da técnica empregada e estética. O ato de fazer um vídeo está subordinado à máquina utilizada, ao tipo de iluminação disponível, à hierarquização de imagens e sons, à edição e aos mais diversos fatores que determinam o encadeamento da

narrativa. O realismo dos materiais de expressão é resultado de “convenções e regras” (AUMONT et al, 1995, p. 135).

O realismo como pauta compreende o tema em si e o tratamento que recebem. Ele está inserido em modelos teóricos. O modelo do documentário implica a utilização de filmagens externas ou em cenário natural dos personagens retratados. Aos cenários escolhidos para as filmagens não deverão ser acrescentados itens caracterizadores, por esses não serem fatores naturais do cenário e, por isso, afetariam a originalidade das imagens, já que o documentário é como gênero cinematográfico, que faz um recorte da realidade com maior profundidade temática e com liberdade autoral.

Os locais das filmagens também não passaram por reorganizações para melhoramento estético. As pessoas foram filmadas em seus meios naturais e no cenário que habitam. A intenção das filmagens é se aproximar do real. No produto audiovisual, estão as marcas da enunciação por meio de elementos da narrativa, como o *off* e legendas. O ritmo da narrativa, pela natureza documental, deverá ser mais lento e reflexivo. Segundo Aumont, et al (1995, p. 135) o realismo aparece, então, como um ganho de realidade em relação a um estado anterior do modo de representação. Esse ganho, porém, é indefinidamente renovável, em consequência não só das inovações técnicas, mas também porque a realidade jamais é atingida.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Tratar de uma temática, de forma mais aprofundada, com a criatividade e maior liberdade autoral, se constitui no gênero documentário. O documentário é um produto fílmico, que mistura cinema com jornalismo, embora se diferencie em alguns aspectos dos aparatos jornalísticos, que, por sua vez, segue um ritual estratégico de objetividade, além de incluir a prática do *Newsmaking*.

A forma como se conta a história é narrada por uma ótica particular daquele que produz o filme documentário e que se apropria de fatos reais a partir de um enquadramento cinematográfico. É a liberdade de atuação que não está presente no jornalismo e o realismo que se ausenta da ficção.

O valor agregado ao videodocumentário está na forma como os produtores se valem da linguagem cinematográfica (imagens e sons) para exemplificar e documentar melhor as qualidades e os conceitos do real.

Os modos de se contar uma história no vídeo documentário não seguem restritamente a um conjunto de regras fechadas ou bem determinadas. Os vários ambientes e situações, as intenções de apresentar as particularidades do tema podem possibilitar uma nova forma. Segundo Nichols (2005, p. 137), as peculiaridades despontam, também, das lacunas deixadas por modelos anteriores e, a partir dessa observação, os olhares vão se afunilando para o singular e para o circunstancial.

Nichols (2005, p.135-136) apresenta uma classificação cronológica do gênero, que explica os modos de representação. Ele considera os seguintes subgêneros do videodocumentário: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O autor explica que esses subgêneros não são estruturas rígidas, mas é possível encontrar numa mesma produção traços tanto de um como de outro subgênero. Isso ocorre pela necessidade do documentarista apresentar algo que é peculiar à temática a ser abordada no filme.

Com base na classificação desses subgêneros, acredita-se que o filme documentário NUNCA TRAI OS POBRES se aproxima do gênero expositivo, pois traz em seu bojo um lastro histórico não só da vida do bispo, mas também do Vale do São Francisco, além de apresentar um viés didático na medida em que pode ser aproveitado para estudos históricos da época retratada, uma vez que aborda fatos que são poucos conhecidos pelos contemporâneos e que podem ser passados às gerações futuras.

Outro viés é a presença marcante das entrevistas que, junto às imagens, confirmam os argumentos. Nichols (2005, p. 144) afirma que “O documentário expositivo facilita a generalização e a argumentação abrangente. As imagens sustentam as afirmações básicas de um sustento geral em vez de construir uma ideia nítida das particularidades de um determinado canto do mundo”.

Entretanto, as produtoras também se apropriam do modo poético, quando não seguiram rigidamente uma montagem em continuidade cronológica dos fatos e marcaram tempo e espaço de forma específica; e do modo participativo, uma vez que fizeram uso do método etnográfico para suas pesquisas, que consiste no trabalho de campo, na observação participativa, se apropriando de mecanismos antropológicos para compreender o grupo social estudado.

6. CONSIDERAÇÕES

A produção do Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de videodocumentário, abriu caminhos para novos conhecimentos práticos que, até então, as produtoras não tinham realizado. O conjunto de atividades diversas e por horas simultâneas exigiu delas maior entrega e, assim, foi feito. A paixão pelo tema foi a grande motivação.

Disponibilizar um recorte da realidade que relate a luta do povo, guiado por um líder desejoso apenas de libertá-los da ignorância e da opressão dos mais favorecidos, foi além do que as graduandas imaginavam. Relembrar a história de Dom José Rodrigues é relembrar também a história de todos aqueles aos quais ele emprestou sua voz. É perceber que a mudança é possível e que a comunicação pode, sim, estar a serviço da vida. Sem dúvidas muito foi acrescentado ao “fazer jornalístico” das discentes. A cada imprevisto, a cada apuração e a cada mudança de rumo, sentia-se a realidade prática do ofício, no entanto, com eles – Dom José Rodrigues e o videodocumentário – constatou-se que ainda há muito que aprender.

O gênero inicia apenas um mundo de possibilidades, uma vez que ele não se esgota aqui, mas poderá ser muito explorado em outras áreas, além da Comunicação Social. Garimpar a trajetória desse “Pequeno grande homem” é, simultaneamente, conhecer a história regional. Não se pode falar da história do Vale do São Francisco sem mencionar Dom José Rodrigues. A memória do povo amado pelo bispo está agora arquivada no audiovisual. Fica a homenagem ao religioso e a colaboração histórica às gerações atuais e futuras.

À comunidade acadêmica, este Trabalho de Conclusão de Curso serve como fonte de pesquisa relacionada a diversas áreas do conhecimento e do Jornalismo, tais como a História Oral, Entrevista em Profundidade, Método Etnográfico, Movimentos Sociais, Comunicação Comunitária, Teologia da Libertação e Videodocumentário. Após a obtenção do diploma de bacharel em Jornalismo em Múltiplos Meios, as autoras deste produto partilharão este videodocumentário com as academias adjacentes e o disponibilizarão a toda Diocese de Juazeiro, outros estados e outros países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques, et al. **A estética do filme**. 2 ed. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1995.

AZEVEDO, Daviane Aparecida de. **Movimentos sociais, sociedade civil e transformação social no Brasil.** In: AVRITZER, Leonardo (org.). Sociedade Civil e Democratização. Belo Horizonte: Del Rey, 1994. Saber Acadêmico - n ° 09 - Jun. 2010. p. 215. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista9/pdf/artigos/18.pdf> >. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

BERNADET, Jean Claude. O documentário. In: COHN, Sérgio (Org.). **Cinema: ensaios fundamentais.** Rio de Janeiro: Beco do Azouque, 2011. p. 123-144.

BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação.** 2011. p. 3. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Institucional.** vol. I, n° 2, Nov. 1999.

CABRAL, Alexandre Marques. **A Teologia da Libertação: O cristianismo a favor dos excluídos.** 2012. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/dois/a_cabral.htm>. Acesso em 22 de dezembro de 2012.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual.** Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2006. p. 62- 83.

FAGUNDES, Maria Cristina Fagundes; ZANDONADE, Vanessa. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

LUCAS, Meize R. de Lucena. **Primeiras vistas: apontamentos para uma discussão em torno da análise de filme.** 2011, p.2. Disponível em <<http://www.revistapassagens.ufc.br/index.php/revista/article/viewFile/18/16>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral** - como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, Cristina Teixeira V., et al. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** INTERCOM. 2001. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – setembro 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

MICHEL, Margareth de Oliveira; MICHEL, Jerusa de Oliveira. **Comunicação comunitária e cidadania** – Resgate da cultura e construção da identidade. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/michel-margareth-jerusa-comunicacao-comunitaria-cidadania.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução Mônica Saddy Martins. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

PATER, Siegfried. **O bispo dos excluídos:** Dom José Rodrigues. Tradução Birgit Ambruch. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1996.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário.** 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012. 62

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. In: PERUZZO, Cecília M. Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003. p. 245-264.

RAMOS, Fernão Pessoa. Cinema Verdade no Brasil. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.). **Documentário no Brasil** - tradição e transformação. 2 ed. São Paulo: Summus, 2004. p. 81-96.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 0, março, 1976. p.1-13.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 2, maio, 1976. p.1-13.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 13, agosto, 1977. p. 1-24.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 22, junho/julho, 1978. p. 1-23.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 18, capa, fevereiro, 1978. p. 1-20.

SOUZA, José Rodrigues. **Caminhar juntos** – Boletim Informativo. Diocese de Juazeiro, Juazeiro-BA, nº 32, junho, 1979. p. 1-24.

VARGAS, Heidy. Documentário: um desafio no aprendizado do jornalismo. **REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.7, p. 107-131, jun. a dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/172/124>>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.